

Práticas e desafios do terapeuta ocupacional em contextos escolares no Distrito Federal

Practices and challenges of the occupational therapist in school contexts

Sarah Raquel Almeida Lins¹, Gessilaine Fernandes Pereira²,
Magno Nunes Farias³, Débora Ribeiro da Silva Campos Folha⁴

Doi: 10.11606/issn.2238-6149.v32i1-3pe211692

Lins SRA, Pereira GF, Farias MN, Folha DRSC. Práticas e desafios do terapeuta ocupacional em contextos escolares no Distrito Federal. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2023 jan.-dez.;33(1-3):e211692

RESUMO: Introdução: Ainda que a Terapia Ocupacional tenha um importante histórico de atuações no contexto escolar, é necessário se aprofundar sobre a realidade dos profissionais em diversas regiões do país, inclusive no Distrito Federal. **Objetivo:** Identificar as práticas e os desafios vivenciados por terapeutas ocupacionais do Distrito Federal que realizam ou realizaram ações relacionadas ao contexto escolar. **Procedimentos metodológicos:** Pesquisa qualitativa, transversal, exploratória, com entrevista semi-estruturada junto a cinco terapeutas ocupacionais atuantes no Distrito Federal. **Resultados e Discussão:** As principais práticas realizadas pelas profissionais são: formação, orientação e capacitação de professores e auxiliares, adaptação curricular, de atividades e de mobiliário. Por outro lado, os desafios para o desenvolvimento dessas práticas tais como, a resistência das escolas e as atitudes sociais frente à inclusão, evidenciam a importância do desenvolvimento de propostas que sensibilizem e conscientizem escolas, profissionais e comunidade para conhecer e lidar com as demandas cotidianas visando à inclusão. **Conclusões:** As práticas da Terapia Ocupacional na educação são pouco conhecidas no Distrito Federal, e acredita-se que investir na formação graduada dos terapeutas ocupacionais, em projetos de extensão e na contratação de profissionais diretamente ligados ao setor da educação podem ampliar e consolidar o campo na região.

DESCRIPTORIOS: Terapia Ocupacional; Educação; Inclusão Escolar.

Lins SRA, Pereira GF, Farias MN, Folha DRSC. Practices and challenges of the occupational therapist in school contexts. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2023 jan.-dez.;33(1-3):e211692

ABSTRACT: Introduction: Although Occupational Therapy has an important history of actions in the school context, it is necessary to delve into the reality of professionals in different regions of the country, including the Federal District. **Objective:** To identify the practices and challenges experienced by occupational therapists in the Federal District who carry out or carried out actions related to the school context. **Methodological procedures:** Qualitative, cross-sectional, exploratory research, which carried out semi-structured interviews with five occupational therapists working in the Federal District. **Results and Discussion:** The main practices carried out by the professionals are: training, guidance and training of teachers and assistants, adaptation of the curriculum, activities and furniture. On the other hand, the challenges for the development of these practices, such as the resistance of schools and social attitudes towards inclusion, highlight the importance of carrying out proposals that sensitize and make schools, professionals and the community aware of and deal with everyday demands, aiming at inclusion. **Conclusions:** Occupational Therapy practices in education are little known in the Federal District, and it is believed that investing in the graduate training of occupational therapists, in extension projects and in hiring professionals directly linked to the education sector can expand and consolidate the field in the region.

KEYWORDS: Occupational Therapy; Education; Mainstreaming, Education.

Uma parte deste estudo foi apresentada em formato de resumo no XVII Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional, realizado em Brasília – DF no ano de 2022.

Fonte de financiamento: Não houve.

1. Universidade de Brasília (FCE/UnB). Faculdade de Ceilândia, curso de Terapia Ocupacional, Ceilândia, (DF), Brasil. e-mail: sarah.lins@unb.br Orcid: 0000-0001-5271-728X.
2. Universidade de Brasília (FCE/UnB). Faculdade de Ceilândia.(DF), Brasil. e-mail: fgessilaine@gmail.com. Orcid: 0000-0001-6547-378X.
3. Universidade de Brasília (FCE/UnB). Faculdade de Ceilândia, curso de Terapia Ocupacional, Ceilândia, (DF), Brasil. e-mail:magno.farias@unb.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9249-1497>.
4. Universidade do Estado do Pará (UEPA), curso de Terapia Ocupacional, Belém, PA, Brasil. e-mail: debora.folha@uepa.br. Orcid: 0000-0002-0743-603X.

Endereço para correspondência: Sarah Raquel Almeida Lins, Universidade de Brasília, UnB - Campus Ceilândia. Setor Campus Universitário Centro Metropolitano Ceilândia Sul (Ceilândia), 72220-275 - Brasília, DF – Brasil, sarah.lins@unb.br, (16) 98215-3563.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a atuação da Terapia Ocupacional no campo da educação teve início na década de 1960 por meio da Educação Especial, com práticas fortemente clínicas e de auxílio a professores, em instituições educacionais especializadas, destinadas a populações específicas, como: estudantes com deficiência física, visual, auditiva, intelectual ou transtorno do desenvolvimento, que, no geral, eram alvo destas intervenções^{1,2}.

Na década de 1970, o movimento de integração escolar buscou inserir estes alunos em escolas regulares, porém em classes separadas, designadas “especiais”, reproduzindo o caráter segregador das práticas e do aluno enquanto alvo da ação da Terapia Ocupacional¹.

No ano de 1988, a garantia constitucional da educação como um direito de todos e dever do Estado em todas as etapas, níveis e modalidades de ensino no Brasil, se desdobrou em debates e políticas voltadas para pessoas que estavam segregadas da escola, gerando mudanças nas práticas da Terapia Ocupacional nesse campo³.

Já na década de 1990, com a publicação da Declaração de Salamanca, iniciaram-se as discussões sobre a educação inclusiva que apresentou a possibilidade de que todas as pessoas pudessem aprender de forma coletiva, em ambientes comuns a todos, ainda que não da mesma maneira⁴. Tal proposta deu lugar a uma perspectiva de intervenção ampliada para a comunidade escolar, na qual o alvo das ações da Terapia Ocupacional passou a ser o coletivo, ou seja, todos os atores sociais que compõem o cotidiano escolar¹.

Posteriormente, no ano de 2018, o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) reconheceu a especialidade “Terapia Ocupacional no contexto escolar”, por meio da Resolução nº 500, que versa sobre a ampliação das possibilidades de participação e engajamento nas atividades formais e informais de aprendizado, participação social, atividades de lazer, atividades de vida diária, atividades instrumentais de vida diária, brincar, descanso e sono⁵. Esta Resolução contribuiu para o avanço da área ao mesmo tempo em que anunciou um debate necessário sobre os diversos referenciais adotados pelos terapeutas ocupacionais, considerando que a complexidade do campo da educação e da diversidade observada neste contexto pode ensejar por uma pluralidade de práticas.

Ademais, é consenso entre autores da área que o terapeuta ocupacional é um promotor de ações de inclusão escolar, pois desenvolve ações preventivas e de promoção da participação nas diversas atividades que compõem a

dinâmica escolar, viabilizando o aprendizado para todos os alunos, considerando a tríade escola-aluno-família^{6,7}.

Fonseca et al.⁸ e Cardoso e Matsukura⁹ identificaram as ações de terapeutas ocupacionais no processo de inclusão escolar de estudantes com necessidades educacionais especiais no estado de São Paulo e no Paraná, respectivamente. O primeiro estudo revelou ações como orientações à família, à escola, aos professores, com relação ao uso de tecnologias assistivas e/ou mobiliário, dentre outros, já o segundo estudo apontou que além de orientações eram realizadas intervenções na dinâmica da sala de aula, acolhimento e escuta da criança em processo de inclusão escolar.

Tendo como foco as pessoas em situação de vulnerabilidade social na escola pública, Pereira¹⁰ apontou que as ações profissionais buscam pela ampliação da participação e inserção social de sujeitos que vivenciam cotidianos marcados por conflitos socioeconômicos, dificuldades de negociação cultural e limitações de acesso aos bens sociais. Neste sentido, as ações podem incluir Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos, Acompanhamentos Singulares e Territoriais, Articulação de Recursos no Campo Social e Dinamização da Rede de Atenção^{11,12}.

Apesar dos estudos supracitados apontarem para a importância das contribuições da profissão para a promoção da inclusão escolar e social, e que a regulamentação da especialidade “Terapia Ocupacional no contexto escolar” tenha gerado a expectativa do aumento de oportunidades para atuação do profissional nas escolas, poucos estudos abordam sobre as diversas realidades vivenciadas por terapeutas ocupacionais brasileiros em relação às práticas e aos desafios da área, e menos ainda se sabe sobre a realidade do Distrito Federal. Ademais, aponta-se que a diversidade de abordagens teóricas utilizadas por terapeutas ocupacionais no contexto escolar requer maiores discussões que favoreçam a consolidação do campo¹³.

Considerando que este é um contexto desafiador que demanda por pesquisas sobre as vivências destes profissionais no contexto brasileiro, o presente estudo teve o objetivo de identificar as práticas e os desafios vivenciados por terapeutas ocupacionais do Distrito Federal que realizam ou realizaram ações relacionadas ao contexto escolar.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, transversal e exploratória¹⁴, que contou com a participação de cinco terapeutas ocupacionais. Foram incluídas profissionais residentes e atuantes no Distrito Federal, que estavam realizando ou já tinham realizado ações relacionadas ao contexto escolar, inscritas no CREFITO 11 – segundo

informações obtidas junto ao referido Conselho em março do ano de 2022, mês anterior à coleta de dados, estavam inscritos 526 terapeutas ocupacionais no Distrito Federal. Uma profissional foi excluída por não ter cumprido as etapas necessárias para participar do estudo.

Para identificação e recrutamento das participantes foi utilizada a técnica *snowball* (bola de neve)¹⁵, e a amostra inicial, realizada por conveniência, se deu a partir do convite a uma terapeuta ocupacional conhecida por atuar no contexto escolar, e que respondia aos critérios do estudo.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde da Universidade de Brasília sob o Parecer nº 5.338.660 e seguiu as diretrizes e as normas regulamentadoras da Resolução CNS nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde que determina os aspectos éticos da pesquisa contendo seres humanos.

Após o aceite, por meio do aplicativo *Googleforms*, as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de autorização de uso de imagem e som de voz, para gravação do áudio das entrevistas, que foram agendadas e realizadas individualmente por meio de *Plataforma Teams*, de forma não presencial, considerando as orientações do Ofício Circular nº 2/2021 da CONEP/ SECNS/MS.

Na ocasião da entrevista foram reforçadas as informações sobre a participação no estudo, inclusive sobre a duração, riscos, benefícios, possibilidade de pausas

ou desistência a qualquer momento, sobre a gravação em aplicativo de celular e posterior transcrição garantindo-se o sigilo. Após esclarecimentos necessários, as participantes concederam as entrevistas, que ocorreram entre abril e julho de 2022, e que tiveram duração média de 20 minutos.

A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada com as terapeutas ocupacionais, que envolveu a caracterização das participantes e abordou sobre a vinculação ao campo da educação, a aquisição de conteúdos sobre a área durante e após a graduação, as práticas realizadas, os desafios vivenciados nessa atuação, sugestões para ampliação da participação do profissional nas escolas e espaço para comentários livres.

Os dados foram organizados e analisados por meio de categorias de análise a partir de três fases: a) organização e montagem do material, b) codificação e categorização e c) inferência e interpretação dos resultados obtidos¹⁶, e foram apresentados de forma descritiva.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As cinco participantes tinham entre oito e dezesseis anos de formação em Terapia Ocupacional, e apenas uma atuava em um serviço público, as demais atuavam em serviços de natureza privada, conforme indica a Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 - Caracterização das terapeutas ocupacionais participantes da pesquisa

Participante	Estado de formação	Tempo de formação (anos)	Local de atuação atual
TO1	Distrito Federal	10 anos	Escola/ Clínica de reabilitação infantil
TO2	Distrito Federal	10 anos	Clínica de reabilitação infantil
TO3	São Paulo	16 anos	Clínica de reabilitação infantil
TO4	Distrito Federal	8 anos	Clínica de reabilitação infantil
TO5	São Paulo	13 anos	Universidade pública

Fonte: Dados coletados durante a pesquisa. Distrito Federal, 2022.

Os resultados revelaram que a forma como a atuação delas se vinculava ao contexto escolar era, especialmente, por meio da prática clínica, conforme ilustrado nos relatos a seguir:

[...] comecei a visitar as escolas dos meus pacientes [...] que a escola ou a família viam necessidade. Com o tempo comecei a visitar muitas escolas, periodicamente, e nessa, numa das escolas [...] que eu ia praticamente toda semana, pois tinha muitos pacientes dessa escola, comecei a mostrar o meu trabalho e apresentei um projeto para ser terapeuta ocupacional da escola (TO 1).

[...] aqui na clínica trabalhamos muito com a queixa da família e da escola [...], o que está dificultando essa participação, [...] a gente faz visitas escolares (TO 2).

Minha atuação [...] se iniciou na área pública, então [...] eu trabalhava dentro das escolas com a equipe NASF [Núcleo de Apoio à Saúde da Família], na comunidade. Depois, na época em que trabalhei numa clínica escola em outro estado, [...] trabalhei o tempo todo nas escolas públicas, municipais [...]. Depois, em Brasília, trabalhei na área particular, [onde] realizava atendimento em consultório clínico, mas, uma vez na semana tinha um horário para

ir nas escolas, e aí cada cliente tava numa escola, pública ou particular (TO 5).

De acordo com os relatos das participantes, verifica-se que elas se inseriram nas escolas a partir do contato com o paciente em contexto de reabilitação clínica. Este resultado também foi encontrado em estudos nacionais que abordaram sobre a forma de inserção do terapeuta ocupacional em contextos escolares, e apontaram que a maioria dos profissionais acessa e se inclui na escola a partir da clínica^{9,17}. Nesta direção, cabe ressaltar que a atuação de terapeutas ocupacionais em contextos escolares é, historicamente, estruturada a partir de um viés clínico-reabilitativo, voltada à inclusão de estudantes público-alvo da educação especial^{1,2}. Esse contexto histórico de inserção e de reconhecimento no campo ainda demarca grande parte das práticas atuais, como revelam os resultados deste estudo. Tal fato pode representar uma demanda a ser contemplada pela profissão, mas, também, um desafio a ser transposto, pois a atuação não se direciona exclusivamente ou sequer se encerra junto ao público-alvo da educação especial, como a equipe multiprofissional e a comunidade podem compreender. Considera-se que esta é uma questão que se coloca para todo terapeuta ocupacional que se propõe a atuar e a produzir conhecimento sobre o contexto escolar.

Compreende-se que a atuação de terapeutas ocupacionais em relação ao contexto escolar a partir do contexto clínico é uma estratégia insuficiente para as demandas que emergem do contexto escolar, pois a visita escolar ocorre de forma pontual e, por vezes, deriva de demanda observada no contexto clínico. Inclusive, isto pode estar relacionado ao desconhecimento das possibilidades da intervenção para além do campo e das demandas de saúde, que também provoca lacunas na formação de terapeutas ocupacionais, e aponta para a necessidade de investimento ainda na graduação, no campo do ensino, pesquisa e extensão.

Autores defendem o deslocamento de práticas individualizadas, individualizantes, biomédicas e clínicas, para práticas no contexto geral da escola, de forma coletiva, interdisciplinar e intersetorial, reconhecendo, inclusive, que as ações na educação têm suas especificidades e diferem de forma importante do âmbito da prática clínica^{3,10,18,19}. Mas, compreende-se os desafios dessa inserção direta, já que o vínculo de trabalho das terapeutas ocupacionais investigados tem a clínica como eixo central e a escola como uma atuação ampliada desse espaço, aspectos que devem ser analisados para pensar caminhos que viabilizem a presença de terapeutas ocupacionais na própria escola.

Considera-se a importância e necessidade das intervenções realizadas a partir da clínica, e que de fato

precisam acontecer inclusive devido à condição intersetorial da infância e da adolescência. Por outro lado, tais resultados sugerem que a atuação da profissão na educação ainda é um campo em desenvolvimento no Distrito Federal, que demanda por investimentos em estratégias que avancem e adentrem os contextos escolares para o fortalecimento e a consolidação da atuação de terapeutas ocupacionais como profissionais do setor da educação e não somente como profissionais da saúde que se inserem no contexto escolar. Esta demanda pela disponibilização de terapeutas ocupacionais como membros da equipe escolar também vem sendo pontuada por diversos estudos da área^{20,21}.

Informa-se que o termo “setor educação” utilizado neste estudo tem o intuito de designar toda a complexidade e emaranhado de relações e ações que se referem à escola e aos processos formais de educação básica, onde estão incluídas as estruturas políticas-administrativas - órgãos reguladores, secretarias municipais, diretorias de ensino, as escolas e as universidades propriamente, e, igualmente, seus agentes e seus destinatários (crianças, adolescentes, jovens, responsáveis e comunidades)²³.

Ao refletir sobre estratégias para a ampliação de oportunidades de atuação da Terapia Ocupacional na escola, aponta-se que a participante TO1 relatou que iniciou as atividades em escolas a partir da prática clínica e, após apresentar um projeto profissional da Terapia Ocupacional na escola, foi contratada pela instituição. Compreende-se que esta pode ser uma estratégia para a criação de oportunidades de contratação de terapeutas ocupacionais neste contexto, considerando, inclusive, que se trata de uma profissão que tem como domínio da prática a atuação junto às ocupações e aos cotidianos dos indivíduos e grupos também na área de educação^{18,22}, por meio da qual o profissional pode atuar na promoção e/ou ampliação da participação e da inclusão da diversidade presente neste contexto.

Ainda, a participante TO5 apontou que iniciou suas atividades nas escolas por meio do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), fora do Distrito Federal. Se relaciona a este aspecto um relato sobre a intervenção de terapeutas ocupacionais vinculados ao NASF que realizaram consultoria colaborativa junto às comunidades escolares, desenvolvendo ações de promoção e prevenção de danos à saúde do escolar, resultando na potencialização de métodos pedagógicos, ao torná-los mais inclusivos²¹.

Neste sentido, compreende-se que o trabalho na escola vinculado à instituição de saúde permite discutir a atuação da Terapia Ocupacional na interface saúde-educação, como uma das frentes de ação da profissão na área da educação. Entretanto, apesar de reconhecer a importância da atuação a partir do NASF, não foi possível aprofundar informações sobre esta realidade

no DF, e aponta-se para a necessidade de novos estudos que identifiquem outras formas de inserção deste profissional na escola partindo de diferentes contextos e serviços, inclusive aqueles vinculados à rede de assistência pública.

Reconhecendo a importância da formação do terapeuta ocupacional para atuação no contexto escolar, as participantes responderam se durante a graduação tiveram algum conteúdo teórico, prático ou relacionado a projetos de pesquisa ou de extensão, dentre outros, sobre essa área. Das cinco participantes, duas apontaram que tiveram algumas atividades acadêmicas relacionadas à educação. Em relação às demais, uma informou que teve pouco conteúdo, uma informou que não teve nenhum contato com o tema e uma não lembrava.

Sobre as duas participantes que tiveram os conteúdos durante a graduação, foi relatado que houve contato a partir de práticas de disciplinas, projeto de extensão, disciplinas específicas e estágio de observação, conforme ilustrado nos relatos a seguir:

[...] fiz uma aula prática durante a faculdade, numa escola de ensino fundamental. Era um projeto, mas acabou que a gente foi nesse projeto para atender a demanda da disciplina [...] (TO 4).

Durante minha formação tive várias disciplinas de educação, contexto escolar e educação especial, comunicação alternativa, tinha estágio de observação clínica durante a graduação em escolas municipais, projetos de extensão nas escolas [...]. O tempo todo tive contato na minha graduação [...] (TO 5).

A diversidade de respostas acerca do assunto abordado deve-se ao fato de que as participantes se formaram em instituições de ensino superior diferentes, e três delas cursaram a graduação no Distrito Federal.

Considerando a realidade do Distrito Federal, foco do presente estudo, atualmente existe apenas um curso de graduação em Terapia Ocupacional em funcionamento e que tem sede na Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília (FCE-UnB). O curso iniciou as atividades no ano de 2008, mas apenas em 2017 começou a ofertar uma disciplina denominada Terapia Ocupacional no Contexto Escolar Infantil, voltada especificamente para o contexto escolar, de 2 créditos, de aplicabilidade teórica e optativa²⁴. Sabe-se que o curso está passando por um processo de reformulação curricular e há expectativa para a inclusão curricular de disciplina da área, de forma obrigatória, com o dobro de créditos e de aplicabilidade teórico-prática, então é possível que esta realidade se modifique em um futuro breve. De qualquer forma, existem outros componentes curriculares do curso que abordam sobre a área de educação de forma

transversal, além da existência de ações relacionadas à escola sendo realizadas a partir de projetos de pesquisa e de extensão e, acredita-se que estas sejam importantes vias para o fortalecimento do campo no DF.

Ainda, é possível verificar que a diferença entre os anos de formação das participantes, apresentados na Tabela 1, pode ter influenciado a oferta de conteúdos voltados para a área, uma vez que as participantes concluíram o curso há, pelo menos, oito anos, quando ainda não havia disciplinas específicas da área no curso de TO da UnB, apenas disciplinas transversais. Além disso, a publicação da Resolução nº 500 do COFFITO⁵, que pode ter motivado a criação destes conteúdos na formação em TO, também é mais atual.

Sendo assim, é possível que outras terapeutas ocupacionais do Distrito Federal com formação recente poderiam indicar maior contato com conteúdos específicos da área durante a graduação.

Em se tratando da formação dos terapeutas ocupacionais para atuação no contexto escolar, um estudo que identificou e analisou como vem acontecendo a formação dos terapeutas ocupacionais para atuação no contexto escolar na cidade de Belém (PA), revelou que todos os entrevistados haviam tido contato com estes conteúdos no currículo, uns em maior grau e outros em menor grau, porém todos apontaram que os conteúdos curriculares eram insuficientes para se considerarem aptos para o trabalho no campo da educação, e que eles buscavam aprimoramento na área por meio de atividades extracurriculares, mesmo ainda durante a graduação²⁵. Ainda, outros estudos apontam para a necessidade de promover um currículo de formação que efetive o ensino teórico e prático para a capacitação do terapeuta ocupacional para atuar na educação^{24,25}.

Nota-se a importância da formação do terapeuta ocupacional abordar conteúdos teóricos e práticos, bem como atividades que envolvam pesquisa, extensão e outras que estejam diretamente ligadas ao contexto escolar. Tais propostas podem contribuir para o aprimoramento da formação profissional, para a identificação da atuação da Terapia Ocupacional na educação, para o fortalecimento do reconhecimento de um campo em expansão e, também, para, quiçá, favorecer a abertura de oportunidades para o profissional nesta área.

Além da formação em âmbito de graduação, as participantes foram questionadas a respeito da realização de formação complementar sobre o campo da educação. Das cinco participantes, três responderam positivamente a pergunta, uma informou que não realizou formações complementares e uma não especificou.

As participantes que fizeram outros cursos, mencionaram a realização de cursos nacionais e internacionais

sobre as práticas da Terapia Ocupacional no contexto escolar e sobre conteúdos voltados à educação especial.

Fiz vários cursos de formação, [...] dois cursos online de Terapia Ocupacional escolar dos Estados Unidos e alguns cursos aqui no Brasil de inclusão escolar, adaptações pra escrita, adaptações ambientais para alunos com deficiência, alguns mobiliários inclusivos, construção de mobiliário inclusivo, e tenho pós em educação inclusiva [...] (TO 1).

Após a graduação, ainda no NASF, permaneci num grupo de estudos que hoje sou membro pesquisadora [...] e o meu mestrado e doutorado foram voltados para a área de educação na linha de educação especial (TO 5).

Estudos nacionais apontam para as mudanças na forma de atuação do terapeuta ocupacional no contexto escolar que passou de uma natureza reabilitativa/integradora, para uma atuação que considera a inclusão e que se distancia de práticas clínicas^{1,2,8,9}. Soma-se o fato da publicação da Resolução nº 500 do COFFITO⁵ que fortaleceu a área e apresentou possibilidades práticas da profissão. Considerando tais avanços, compreende-se a importância da continuidade ao processo de formação para melhor conhecimento sobre os conteúdos atuais da profissão na área.

Neste sentido, um dos critérios para participação no presente estudo foi ter realizado ou estar realizando ações voltadas ao contexto escolar e, por isso, acreditava-se que a continuidade aos estudos seria notória, já que a maioria das participantes relatou o contato escasso ou ausente com a área de educação durante a graduação, porém, os resultados revelaram que apenas três participantes realizaram cursos complementares voltados para a área.

Considera-se que a não continuidade à formação na área seja consequência da atuação das participantes em práticas clínicas de saúde, e que a maior carga horária de trabalho delas está relacionada a este contexto. Sendo assim, é possível que, para elas, investir em cursos sobre uma área que não corresponde ao foco de atuação não seja interessante, inclusive em termos de retornos financeiros, ou, ainda, por elas não terem o desejo de atuar especificamente na área de educação. Ainda, também é possível levantar outras razões para essa problemática, tais como: a oferta de salários mais atrativos por clínicas de reabilitação, a carência de concursos públicos das secretarias de educação com vagas para terapeutas ocupacionais e a carência de escolas privadas que ofertem vagas bem remuneradas. E é possível que estas duas últimas razões mencionadas decorram do desconhecimento social sobre a atuação da Terapia Ocupacional no contexto escolar, apesar do reconhecimento da especialidade, que

pode ainda não ter reverberado a contento nas políticas públicas para o campo⁵.

Trata-se de uma reflexão que faz sentido quando se considera que mesmo que o profissional tenha tido conteúdos sobre o contexto escolar em sua formação graduada não há garantias de que haverá oportunidades na área, ou retorno financeiro esperado ou compatível com outras áreas mais consolidadas, o que pode desestimular o interesse em atuar neste campo específico²⁶.

De qualquer forma, apesar do contexto escolar não ser uma área de atuação nova para a Terapia Ocupacional, é uma área em expansão na profissão e que demanda pela interlocução com diversas disciplinas e conteúdos que dão suporte para as práticas⁸, defendendo-se, assim, a importância da realização de cursos para aprimoramento profissional no campo a fim de ampliar os conhecimentos específicos e instrumentalizar os terapeutas ocupacionais.

Ainda, ao contar sobre as práticas que já realizaram e que estavam relacionadas à inclusão escolar, todas as participantes citaram o desenvolvimento de ações em comum, tais como: formação, orientação e capacitação de professores e auxiliares, adaptação curricular, adaptação de atividades e de mobiliário, conforme ilustrado a seguir:

Principalmente a formação continuada pros professores e auxiliares, [...] análise da atividade voltada pro ambiente escolar, [...] adaptação de currículo, adaptação da prova, [...] adaptações no texto, no corpo da prova, [...] adaptações de mobiliário, cadeiras que a gente adaptou na escola, [...] adaptações ambientais, estruturais, construção do PEI [Plano Educacional Individualizado] junto com os professores [...] (TO1).

[...] adaptação de material, [...] adaptações tanto curriculares, de conteúdo, de apresentação, como adaptações físicas, criação de espaços [...] pra que essa criança possa se regular, [...] (TO 3).

[...] ir no ambiente escolar, avaliar os contextos dessa escola e passar informações do que poderia ser mudado pra situação do meu paciente, de modo geral, [...] a partir da demanda que a escola me trazia eu ia fazendo os ajustes, [...] como que fazia pra adaptar um currículo escolar [...] ou até mesmo uma atividade escolar, [...] o contexto realmente precisa ser modificado, o ambiente, então dentro das minhas práticas é isso, é realmente dar orientação e pedir que a escola faça um ajuste pra que aquela criança seja incluída (TO 4).

Os resultados do presente estudo corroboram com outras investigações nacionais recentes, que também apontaram que o terapeuta ocupacional contribui com ações

para a inclusão de todos os atores no ambiente escolar, desenvolvendo desde ações voltadas para o aluno, em específico, com o uso de adaptações de mobiliário, adaptação de espaços físicos, recursos e materiais, até ações de apoio à instituição escolar, incluindo a formação dos profissionais e da comunidade escolar, orientações gerais à escola, dentre outros^{4,7,9}.

Para além destas existem outras possibilidades de práticas que podem ser realizadas pelo terapeuta ocupacional no contexto escolar, como, por exemplo, a partir da terapia ocupacional social, por meio de Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos, Acompanhamentos Singulares e Territoriais etc., que partem das problemáticas sociais e tem como objetivo o fortalecimento do vínculo do estudante ao território de pertencimento, com foco na comunidade escolar, considerando os aspectos micro e macrosociais^{11,12}. Essas ações, que têm a escola pública com *locus* central das intervenções, visam oportunizar espaços de convivência social com as diferenças pessoais e culturais, de experiências e de construção de rede de suporte social, especialmente em relação à crianças e jovens periféricos que possuem pouco ou nenhum acesso a essas possibilidades¹³.

Ainda, também tem sido utilizada nos contextos escolares, a abordagem de integração sensorial, cujas estratégias buscam a promoção de respostas adaptativas relacionadas à propriocepção, sistema vestibular, tátil, dentre outros, para amparar e apoiar o aluno para aprimoramento do desempenho do seu papel ocupacional de estudante²⁷.

É notório que as ações do terapeuta ocupacional relacionadas à escola são centradas não somente em mudanças que possibilitam melhor desempenho dos estudantes na escola, mas, também, envolvem a atuação junto a todo o corpo escolar, a fim de que a escola esteja preparada para receber o aluno e propiciar a sua plena participação neste contexto, criando um ambiente inclusivo em todos os espaços da escola.

As participantes também revelaram os desafios que já vivenciaram em sua atuação no contexto escolar, e todas responderam, em comum, que dentre os maiores desafios tem-se a resistência da escola e as atitudes sociais frente a possibilidades de maior inclusão, conforme ilustrado nos relatos a seguir:

A resistência da escola, do corpo escolar, [...] às vezes quando nos dão abertura, por vezes a gente tem a resistência do próprio professor, [...] então essa é a maior dificuldade, [...] deles aceitarem e inserirem aquilo de uma forma natural [...] (TO 2).

[...] a escola já tem ali tudo que ela quer fazer com todo mundo igual, quando chega alguém diferente desse

contexto, [...] ela já quer implementar para todos a mesma receita, só que não dá, e aí quando a gente fala 'precisamos acrescentar isso aqui na sua receita', a escola fala que pode, mais aí um mês depois você volta e o que pediu pra incluir na receita deles não foi incluído. Isso é muito difícil (TO 4).

[...] hoje o maior desafio são as atitudes sociais frente à inclusão, as atitudes da comunidade escolar, dos próprios profissionais da saúde, da educação, alguns terapeutas ocupacionais, então vejo que o maior desafio é esse (TO 5).

Diversos estudos evidenciam que um dos principais desafios vivenciados pelo terapeuta ocupacional na escola é a falta de preparo dos professores e da comunidade escolar em geral para lidar com o público diverso presente nas escolas, incluindo pessoas com deficiência, com necessidades educacionais especiais, com problemas relacionados à saúde mental, dentre outros^{4,8,9,28,29}.

Neste sentido, considera-se que o sistema escolar se organiza a partir de práticas pré-definidas, comumente preparadas para um público específico tornando a inclusão da diversidade presente na escola uma prática ainda mais desafiadora. Além disso, também podem haver ruídos sobre a prática de um terapeuta ocupacional que atua vinculado ao serviço privado e comparece a escola para a realização de intervenções pontuais e sem, necessariamente, conhecer e contemplar as problemáticas cotidianas daquela escola. Da mesma forma, a ausência de um terapeuta ocupacional como membro da equipe da escola, pode prejudicar a compreensão das funções profissionais neste contexto. Assim, defende-se a realização de propostas que divulguem as ações da terapia ocupacional na escola e a importância da realização de ações interdisciplinares e intersetoriais.

Destaca-se que o objetivo da inclusão é a viabilização e/ou a ampliação da participação de todos os atores/presentes no ambiente escolar, incluindo pessoas com diferentes condições de existência. Contudo, apesar de diversas leis e políticas atuais incorporarem a inclusão como pauta e dos avanços obtidos nos últimos anos, ela ainda está em processo e o caminho é longo. Neste sentido, reforça-se a necessidade e a importância de se investir na discussão de estratégias e de ações que efetivem a inclusão, na capacitação e sensibilização de professores e na divulgação de possibilidades que propiciem a realização de práticas mais inclusivas – em direção a inclusão radical^{13,23}.

Pensando na importância da atuação do terapeuta ocupacional no contexto escolar, as participantes apontaram estratégias que poderiam ampliar a participação do profissional na escola, dentre elas, a realização de estágios em escolas durante a graduação, parcerias com os CREFITOS

e com as Secretarias de Educação, proposição de projetos nas escolas e possibilidades de articulação com o NASF, conforme os relatos a seguir:

[...] ter estágios nas escolas, [...] (TO2)

[...] acho que poderia ter uma campanha, uma movimentação até do próprio conselho junto com a Secretaria de Educação pra mostrar nosso papel dentro da escola, e como a gente chega pra somar e não pra dificultar. Acho que o primeiro passo seria esse, essa divulgação [...]. (TO 3)

[...] mostrando a importância é que a gente vai conseguir [...] quem realmente vai trabalhar no contexto escolar precisa estudar esse contexto e apresentar um projeto, [...] a gente precisa ir mostrando nosso trabalho (TO 4).

[...] um caminho é abrir espaço e dar visibilidade a partir dos alunos da universidade, [...] ter projetos de extensão na comunidade dentro das escolas, os alunos realmente intervindo, fazendo atuações junto com fono, com fisio nas escolas, acho que isso muda bastante, essa rede, por exemplo com o NASF, parcerias com TOs do NASF pode ser um caminho legal (TO 5).

Para além das sugestões apontadas pelas participantes, acredita-se que o investimento na área da educação começa durante a formação graduada do terapeuta ocupacional, por meio da abordagem de conteúdos teóricos e práticos específicos, do desenvolvimento de projetos de extensão na comunidade e em unidades escolares, da oferta de estágios voltados para o contexto escolar, da realização de pesquisas vinculadas a programas de pós-graduação, por exemplo, como têm sido realizados por pesquisadores da área vinculados a diferentes instituições de ensino superior^{23,29,30}.

Além disso, também são estratégias possíveis a realização de palestras e rodas de conversa nas escolas, a criação e distribuição de *folders* que abordem sobre as práticas da profissão no cenário, a apresentação de projetos de trabalho nas instituições escolares, dentre outros. Tais ações podem contribuir para que professores e demais profissionais inseridos no ambiente escolar conheçam e reconheçam a atuação e a relevância do terapeuta ocupacional nas escolas. Ademais, refletir sobre estas e outras estratégias em estudos futuros podem contribuir, inclusive, para ensejar a criação de oportunidades de trabalho na área.

Ao final da entrevista, em uma oportunidade para comentários livres, as participantes apontaram para a importância de falar sobre a Terapia Ocupacional no campo da educação, como ilustram os relatos abaixo:

[...] é um espaço que a gente precisa abraçar cada vez mais, [...] não só a gente entender nosso papel lá dentro, mas fazer os outros entenderem [...] (TO 2).

Se a gente não falar sobre isso as coisas não vão mudar [...] (TO 3).

[...] a pesquisa vai ser importante. Vejo que há uma necessidade extrema de profissionais que queiram atuar na área de contexto escolar para trazer outro ambiente, outro escopo pra gente (TO 4).

Estudos da área também apontam para a importância de discutir sobre o tema e de apresentar estratégias utilizadas por terapeutas ocupacionais para divulgar e fomentar a área^{4,8,9,29}. Neste sentido, acredita-se que além de somar às contribuições para a área e divulgar elementos pertinentes para o conhecimento sobre a realidade da Terapia Ocupacional no contexto escolar no Distrito Federal, o presente estudo apresentou caminhos para a ampliação da área, que podem ser considerados para outras regiões brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentou resultados que agregam ao conhecimento acerca das práticas e dos desafios enfrentados pelos terapeutas ocupacionais para a atuação relacionada ao contexto escolar, e avançou no conhecimento da área por apresentar a realidade acerca de terapeutas ocupacionais que atuam no Distrito Federal.

Revelou-se que, assim como apontam estudos realizados em outras regiões brasileiras, a maioria das terapeutas ocupacionais que participaram deste estudo não está formalmente inserido no contexto escolar, o que aponta para a necessidade de estratégias que promovam o desenvolvimento de uma prática mais específica e direcionada ao contexto escolar, e torne esse profissional parte integrante da equipe educacional.

Como limitações da pesquisa tem-se o número de participantes, bem como a ausência daqueles que se inserem no contexto escolar a partir de instituições públicas e/ou de outros contextos e serviços para além dos privados, sugerindo-se que estudos futuros possam superar tais limitações.

Ademais, revela-se e discute-se sobre a necessidade da elaboração de estratégias que visem a divulgação das possibilidades da Terapia Ocupacional no contexto escolar e a importância desta atuação no Distrito Federal, assim como em todo o território nacional. Para isso, são apresentadas algumas sugestões para aproximação entre a Terapia Ocupacional e a Educação como, por exemplo, aumento dos conteúdos teóricos

e práticos no currículo de graduação do terapeuta ocupacional, a realização de atividades e projetos que envolvam ensino, pesquisa e extensão que estejam diretamente ligadas ao contexto escolar e que alcancem as escolas e as secretarias de educação e a realização de ações a partir do NASF.

Contribuições dos autores: Sarah Raquel Almeida Lins: concepção, elaboração, delineamento do estudo, organização, análise e interpretação dos dados, redação do artigo e revisão crítica. Gessilaine Fernandes Pereira: coleta de dados, organização das fontes, análise e interpretação dos dados, redação do texto. Magno Nunes Farias: análise dos dados, organização da escrita, redação do artigo e revisão crítica. Débora Ribeiro da Silva Campos Folha: análise dos dados, organização da escrita, redação do artigo e revisão crítica.

Considera-se que as estratégias apresentadas neste estudo podem ser potentes para a ampliação das oportunidades de atuação de terapeutas ocupacionais no campo bem como para a promoção da inclusão escolar de todos aqueles que dela necessitam.

REFERÊNCIAS

1. Calheiros DS, Lourenço GF, Cruz DM. A atuação da terapia ocupacional no contexto escolar: educação inclusiva e perspectiva social. In: Neto JLC, Silva OON, organizadores. Diversidade e movimento: diálogos possíveis e necessários. 205-234. Curitiba: Editora CRV; 2016.
2. Rocha EF. A terapia ocupacional e as ações na educação: aprofundando interfaces. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2007;18(3):122-7. Doi:10.11606/issn.2238-6149.v18i3p122-127
3. Pan LC, Lopes RE. Terapia ocupacional social na escola pública: uma análise da produção bibliográfica do METUIA/UFSCar. Cad Ter Ocup UFSCar São Carlos. 2020; 28(1):207-26. Doi:10.4322/2526-8910.ctoAO1760
4. Ide MG, Yamamoto BT, Silva CCB. Identificando possibilidades de atuação da Terapia Ocupacional na inclusão. Cad Ter Ocup UFSCar São Carlos. 2011;19(3):307-22. Doi:10.4322/cto.2011.004
5. COFFITO. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Resolução nº 500 de 26 de dezembro de 2019. Reconhece e disciplina a especialidade de Terapia Ocupacional no Contexto Escolar, define as áreas de atuação e as competências do terapeuta ocupacional especialista em Contexto Escolar e dá outras providências. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=10488>.
6. Souto MSD, Gomes EBN, Folha DRSC. Educação especial e Terapia Ocupacional: análise de interfaces a partir da produção de conhecimento. Rev Bras Educ Esp. 2018;24(4):583-600. Doi:10.1590/S1413-65382418000500008
7. Lourenço GF, Cid MFB. Possibilidades de ação do terapeuta ocupacional na educação infantil: congruência com a proposta da educação inclusiva. Cad Ter Ocup UFSCar São Carlos. 2010;18(2):169-79. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/352/283>
8. Fonseca SPD, Sant'Anna MMM, Cardoso PT, Tedesco SA. Detalhamento e reflexões sobre a terapia ocupacional no processo de inclusão escolar. Cad Ter Ocup UFSCar São Carlos. 2018;26(2):381-97. Doi:10.4322/2526-8910.ctoAO1203
9. Cardoso PT, Matsukura TS. Práticas e perspectivas da terapia ocupacional na inclusão escolar. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2020; 23(1):7-15. Doi:10.11606/issn.2238-6149.v23i1p7-15
10. Pereira BP. Terapia ocupacional e educação: as proposições de terapeutas ocupacionais na e para a escola [tese]. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional; 2018.
11. Farias MN, Lopes RE. Terapia ocupacional social: formulações à luz de referenciais freireanos. Cad Ter Ocup UFSCar São Carlos. 2020;28(4):1346-56. Doi:10.4322/2526-8910.ctoEN1970.
12. Lopes RE, Borba PLDO, Trajber NKDA, Silva CR, Cuel BT. Oficinas de atividades com jovens da escola pública: tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional. Interface-Comun Saúde Educ. 2011;15(36):277-88. Doi:10.1590/S1414-32832011000100021
13. Pereira BP, Borba PLO, Lopes RE. Terapia ocupacional e educação: as proposições de terapeutas ocupacionais na e para a escola no Brasil. Cad Bras Ter Ocup [Internet]. 2021;29:e2072. Doi:10.1590/2526-8910.ctoAO2072.
14. Sampieri RH, Collado CF, Lucio PB. Metodologia de Pesquisa. São Paulo: Penso; 2013.
15. Vinuto J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. Tematicas. 2014; 22(44):203–220. Doi:10.20396/tematicas.v22i44.10977
16. Bardin, L. Análise de conteúdo. Lisboa (Portugal): Edições; v. 70, 2010.
17. Souza JRB. Terapia ocupacional na educação: composição e delineamentos do campo profissional [tese]. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional. 2021.
18. Rocha EF. Terapia Ocupacional e Educação: questões atuais e perspectivas futuras. In: Rocha EF, Brunello MIB, Souza CCBX,

- organizadoras. Escola para todos e as pessoas com deficiências: contribuições da terapia ocupacional. São Paulo: Hucitec; 2018.
19. Rocha EF, Brunello MIB, Souza CCBX. Apresentação. In: Rocha EF, Brunello MIB, Souza CCBX, organizadoras. Escola para todos e as pessoas com deficiências: contribuições da terapia ocupacional. São Paulo: Hucitec, 2018.
 20. Folha DRSC, Della Barba PCS. Classificação da participação de crianças em ocupações nos contextos escolares na perspectiva da terapia ocupacional. Cad Ter Ocup UFSCar São Carlos. 2022;30:e2907. Doi:10.1590/2526-8910.ctoAO21962907
 21. Folha DRSC, Monteiro GS. Terapia Ocupacional na atenção primária à saúde do escolar visando a inclusão escolar de crianças com dificuldades de aprendizagem. REVISBRATO. 2017;1(2):202-20. Doi:10.47222/2526-3544.rbto5311
 22. Gomes D, Teixeira L, Ribeiro J. Enquadramento da prática da Terapia Ocupacional: Domínio & Processo 4ª Edição. Versão Portuguesa de Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process 4th Ed. (AOTA-2020). Politécnico de Leiria; 2021.
 23. Lopes RE, Borba PLO. A inclusão radical como diretriz para terapeutas ocupacionais na educação. Rev Ocup Humana. 2022;22(2):202-27. Doi:10.25214/25907816.1402
 24. Roriz, DV, Lins, SRA, Farias, MN. Terapia ocupacional e educação: um estudo documental sobre a formação acadêmica. Cad Bras Ter Ocup. 2023;31:e3474. Doi:10.1590/2526-8910.ctoAO266434741.
 25. Tavares, EBNG, Souto MS, Folha DRSC. A formação graduada de terapeutas ocupacionais para o campo da educação em Belém (PA). REVISBRATO. 2020;4(6): 911-32. Doi:10.47222/2526-3544.rbto35392.
 26. Calheiros DS, Souza JRB, Dounis AB. Formação de terapeutas ocupacionais para atuar na educação: desafios e perspectivas de uma área em construção. In: Silva RAS, Bianchi PC, Calheiros DS, organizadores. Formação em terapia ocupacional no Brasil: pesquisas e experiências no âmbito da graduação e pós-graduação. São Paulo: FiloCzar; 2018.
 27. Schroeder E, Colley H, Santos TF, Peixoto RN. Integração sensorial: práticas clínicas e na inclusão escolar. In: Nepomuceno, A. et al. Terapia Ocupacional em educação inclusiva: contextos de atuação da terapia ocupacional na escola. Santa Catarina: Inclusão Eficiente; 2019.
 28. Squassoni, CE, Lins, SRA, Matsukura TS. Saúde mental infantojuvenil: avaliação de formação continuada junto a professores de sala de recursos multifuncionais. REFACS. 2021;9(2):714-23. Doi:10.18554/refacs.v9i0.5654
 29. Lins SRA, Squassoni CE, Matsukura TS. Formação em Saúde Mental Infantojuvenil: construindo saberes com professores de Sala de Recursos Multifuncionais. OlharProfr. 2023;26:1-17. Doi:10.5212/OlharProfr.v.26.21440.023
 30. Cid MFB, Squassoni CE, Gasparini DA, Fernandes LHDO. Saúde mental infantil e contexto escolar: as percepções dos educadores. Pro-Posições. 2019;30:1-24. Doi:10.1590/1980624820170093.

Recebido em: 11.05.2023

Aceito em: 15.09.2023

